

O trabalho oculto e exotérico de Raimundo Irineu Serra

Débora de Carvalho Pereira Gabrich¹

Comunicação feita no dia 19 de março de 2005, na mesa redonda: “O uso da ayahuasca no Brasil: vertentes e experiências”. *Primeiro Encontro Brasileiro de Xamanismo*, organização Léo Artése/ Associação Lua Cheia – Pax, São Paulo, 13 a 20 de março de 2005.²

RESUMO: Este trabalho analisa brevemente a evolução do grupo comunitário liderado por Raimundo Irineu Serra, desde quando iniciou a doutrina do Santo

¹ **Débora de Carvalho Pereira Gabrich** nasceu em Belo Horizonte em 1976. É dirigente feminina do Centro de Iluminação Cristão Luz Universal de Minas Gerais - Ciclumig. Formou-se em Comunicação Social pela PUC Minas em 2001. Em 2003 obteve o título de Especialista em Comunicação Contemporânea e Informação Visual pela mesma universidade. É mestranda em Extensão Rural na Universidade Federal de Viçosa. É membro-fundadora do Núcleo de Estudos Pró Amazônia da UFV e responsável pela arquitetura da informação e design do site www.nepam.org. Desde 1996 realiza pesquisa no Acre sobre a tradição cultural e religiosa do Santo Daime, especificamente nos centros da linhagem denominada Alto Santo, cujo ritual é adotado no Ciclumig. Realizou viagem à Itália e outros países da Europa para acompanhar o sr. Luiz Mendes do Nascimento, dirigente do Alto Santo, em trabalhos espirituais. É co-responsável, junto ao presidente do Ciclumig, Eduardo Gabrich, pela publicação dos sites www.mestreirineu.org e www.luizmendes.org. debora@ufv.br ou debcarpe@uai.com.br. É desde webmaster do site do NEIP (Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos), www.neip.info, desde janeiro de 2005.

² A mesa redonda foi idealizada e organizada pela antropóloga Bia Labate, que prestou consultoria ao *Primeiro Encontro Brasileiro de Xamanismo*. Foi composta por:

1 - *Bia Labate* – coordenadora e debatedora

2 - *Débora Carvalho*: O trabalho oculto e exotérico de Raimundo Irineu Serra.

Professora universitária e dirigente feminina do Centro de Iluminação Cristão Luz Universal de Minas Gerais, em Santa Luzia (MG).

3 - *Walter Dias Jr*: Céu do Mapiá: uma comunidade planetária ou uma Babel da Nova Era?

Mestre em Antropologia Social, professor universitário e dirigente da Igreja do Santo Daime Céu do Vale, em Pindamonhangaba (SP).

4 - *Lucia Gentil*: O uso da Ayahuasca no Centro Espírita Beneficente União do Vegetal

Antropóloga, geógrafa e Conselheira do Núcleo Lupunamanta, do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal, em Campinas (SP).

5 - *Leopardo Sales Yawabané Huni-Kuin* (Kawinawá): A força da jibóia. A tradição Huni-Kuin do *Nishi-pae* (ayahuasca)

Estudante para ser tornar pajé; lidera cerimônias de *nishi-pae* (ayahuasca) em São Paulo. É representante do povo Huni kuin do Rio Jordão, e sócio-diretor do Instituto das Tradições Indígenas (IDETI).

6 - *Yoshihiro Odo*: O uso da ayahuasca no Brasil e os pajés brasileiros

Acupuntor da escola japonesa. Vem participando de sessões de *nishi-pae* (ayahuasca) com Leopardo Sales Yawabané Huni-Kuin (Kaxinawá) há um ano e oito meses, em São Paulo.

7- *Elza Carolina Piacentini*: A hoasca e o autoconhecimento: uma abordagem holística

Terapeuta transpessoal, dirigente do espaço Sollua e Mestre Dirigente do grupo hoasqueiro Luz do Vegetal, em Araçariguama (SP).

8 - *Sthan Xanniã*: Cerimônia da Bebida Sagrada

Mestre Xamã e terapeuta, lidera cerimônias de plantas sagradas, tenda do suor, busca da visão, danças de cura e canções de poder. É dirigente do espaço Filhos da Terra. Núcleo de Estudos e Terapia, em São Paulo (SP).

Daime, por volta de 1912, até o seu falecimento em 1971. São apontados detalhes rituais, relatos de experiência espirituais e a formação organizacional propícia à vivência exotérica de apreensão do saber, especificamente em um patamar cívico e rural.

ABSTRACT: This work briefly analyses the development of the communal group of Santo Daime lead by Raimundo Irineu Serra, whose doctrine was created by him around 1912, and covers the period until his death in 1971. Ritual aspects and spiritual experience reports are discussed, as well as the organizational formation expedient to the “exoteric” experience of knowledge apprehension, specifically at a civic and rural level.

A EVOLUÇÃO RITUAL

Se digitarmos a palavra “Santo Daime” na rede mundial de informação, na ferramenta de busca da Google³, encontramos em torno de 5.310 referências ao chá feito com as plantas *B. caapis* e *P. viridis*. Embora o interesse global crescente notado, a origem da bebida remonta há aproximadamente mil e quinhentos anos na América do Sul⁴, utilizada por povos indígenas como medicina capaz de proporcionar experiências enteógenas (de expansão da consciência), em rituais xamânicos para cura e prevenção de doenças. Porém, o nome Santo Daime foi dado ao chá por um maranhense chamado Raimundo Irineu Serra, que havia chegado ao Acre em 1912 nas migrações nordestinas para extração da borracha. Ele experimentou a bebida com caboclos do Peru que a conheciam, junto a seus primos Antônio e André Costa (CARIOCA, 2000)

Podemos perceber, a partir da narração detalhada de Taussig (1993) que, já no início do século passado o chá era utilizado em rituais sincréticos com fortes elementos cristãos, xamânicos e influências africanas. Ele divide didaticamente o processo de colonização de populações indígenas amazônicas por companhias estrangeiras de extração da borracha em duas partes, o Terror e a Cura. A primeira se refere às atrocidades físicas e psicológicas sofridas pelos índios por parte dos ingleses, inclusive em um processo de ‘antropofagia cultural’, em que os

³ Pesquisa realizada em 12/03/2005.

⁴ Informação retirada do sítio português Ciência Viva, disponível em http://oficina.cienciaviva.pt/~pw020/g/idade_das_drogas.htm, em 05/10/2005.

sistemas culturais e de linguagem das tribos foram, em grande parte, eliminados. O autor afirma que a difusão da magia da floresta para as terras altas (região andina) e também para o ambiente urbano está associada à expansão capitalista, processo que ele caracteriza como de reconstrução simbólica e cultural. Na segunda parte, a Cura, ele faz um estudo de caso com camponeses ricos que procuram xamãs indígenas devido a problemas como insucesso nas colheitas, doenças do gado, baixa do preço de produtos, endividamento e outros, que freqüentemente são atribuídos à inveja dos seus próprios empregados ou vizinhos pobres.

Podemos considerar que o uso ritual da bebida, através da intervenção de Raimundo Irineu Serra, também passou por uma reconstrução de seus significados – do xamanismo indígena para crenças cristãs ocidentais. De início, ele batizou a bebida de Santo Daime, que significa a repetição apelatória à divindade: ‘santo, dai-me’, sendo o verbo DAR um símbolo do pedido que Serra fez a uma entidade que lhe apareceu em miração⁵ (visão espiritual) chamada Clara:

“Ela disse que estava pronta para atendê-lo no que ele pedisse. Pediu que ela lhe fizesse um dos melhores curadores do mundo. Ela respondeu que ele não poderia ganhar dinheiro com aquilo.

- Minha Mãe, eu não quero ganhar dinheiro.

- Muito bem! Mas você vai ter muito trabalho. Muito trabalho!

Ele pediu que ela associasse tudo que tivesse a ver com a cura nessa bebida.

- Não é assim que tu estás pedindo? Pois já está feito. E tudo está em tuas mãos.” (NASCIMENTO, Luiz Mendes, 2005)⁶

Se a entidade entregou tudo nas mãos do negro Raimundo, não foi de uma só vez. Neste primeiro contato, Clara deu-lhe o hino Lua Branca, primeiro de um

⁵ Essa narração pode ser encontrada também em MACRAE (1992); FERNANDES (1986) e outros.

⁶ O Sr. Luiz Mendes do Nascimento é Mestre Conselheiro do Centro Eclético Flor do Lótus Iluminado, no município de Vila Capixaba, Acre. Conviveu com Irineu Serra de 1962 a 1971, sendo confiado a ele o posto de Orador Oficial dos trabalhos do Santo Daime. Todas as referências a seu nome nesse artigo foram retiradas de entrevistas feitas no período de 1996 a 2005, as quais pode ser conferidas no endereço www.mestreirineu.org/luiz.htm

conjunto de cento e trinta e dois recebidos ao longo de cinqüenta e nove anos. O processo de construção do ritual foi lento e gradativo. Na tentativa de sistematizar as fases dessa evolução, encontramos os estudos de Jairo Carioca (2000), em que em ele divide a trajetória do líder em três partes. A primeira, de 1912 a 1931, foi a época em que o mestre trabalhava na Guarda Territorial, ocasião em que freqüentou o Círculo de Regeneração e Fé – CRF, em Brasiléia, fundado por seus primos Antônio e André Costa em 1913 (primeiro embrião do culto daimista cristão de que temos notícia). O segundo período, de 1931 a 1945, foi sediado na colocação de seringueiros denominada Barros, onde fica atualmente em Rio Branco o bairro Vila Ivonete. Foi o momento inicial de organização institucional dos princípios doutrinários, com a implantação do baile, das fardas, ensaios e calendário oficial de trabalhos. É marcante nesta segunda fase a chegada do patriarca Antônio Gomes com sua numerosa família e a ampliação de amizades políticas. A terceira fase se inicia com a mudança de Raimundo Irineu Serra, com família e seguidores, para a colocação do Espalhado, em 1945, e termina com o falecimento do líder, em 1971. As terras desta colocação foram doadas a ele (que depois as dividiu entre pessoas do grupo), pelo senador Guiomard dos Santos, por amizade, e batizadas de Alto da Santa Cruz, em um ato cívico de homenagem à pátria – justamente no momento do término da segunda guerra mundial.

A caracterização da evolução institucional da doutrina do Santo Daime feita por Carioca ignora o período após o falecimento do mestre, não cita famílias importantes de seguidores, como a de Sebastião Mota de Melo, Luiz Mendes do Nascimento e Wilson Carneiro – e considera o ritual pronto, acabado, inalterável, isto é, sem levar em consideração mudanças sociais, culturais e econômicas impostas pelo tempo. Isso se explica pelo fato de o pesquisador ser membro participante do Centro de Iluminação Cristã Luz Universal – Ciclu, dirigido atualmente pela *dignitária*⁷ Peregrina Gomes Serra, viúva do mestre Irineu, que não reconhece dissidências. É muito provável que o pertencimento do autor ao Centro tenha influenciado a leitura apresentada por ele.

⁷ Nos rituais do Santo Daime podemos identificar vários títulos, de acordo com funções ritualísticas, como o Presidente, o Assessor, o Comandante, o Fiscal etc. O título de *dignitária* pertence somente à Peregrina Gomes Serra e ocorre somente nessa igreja do Alto Santo, em Rio Branco, Acre.

Porém, como se sabe, nenhum fenômeno cultural está imune a mudanças. O Ciclu, apesar de declarada vontade de fixação eterna do ritual, também sofre as mudanças do tempo. Atualmente, por exemplo, as suas sessões de concentração não podem ser em silêncio completo, devido à localização de uma grande avenida no bairro Irineu Serra (Alto Santo), bem à porta da sede. Como alternativa ao silêncio, são tocados hinos instrumentais, sem canto, em um aparelho de som com altura suficiente para abafar os ruídos urbanos. Se na origem, segundo Carioca, os trabalhos de concentração dentro da mata eram em total silêncio, essa característica não se conservou com o processo de urbanização⁸.

Em torno do ano de 1931⁹, Irineu Serra se muda para a capital do Acre, Rio Branco, e desliga-se da Guarda Territorial. A partir de então se dedica a cultivar a terra e a estabelecer a sua doutrina. Foi nessa época que chegaram os primeiros seguidores, com destaque para Germano Guilherme (seu colega na Guarda Territorial), que o conheceu em Brasília no início dos anos vinte, quando foram colegas de serviço, mas tornaram a ter contato novamente em 1928. Os primeiros trabalhos aconteceram na Vila Ivonete, atualmente bairro de Rio Branco, na época floresta nativa. Mestre Irineu se destacava como líder espiritual e social entre os demais agricultores e suas famílias. A concentração foi o primeiro tipo de trabalho instituído, sendo às quartas-feiras dedicadas à cura de algum doente e os sábados dedicados à cura individual e coletiva. A duração da cerimônia era de uma hora e meia e, após este tempo, o principal instrumento educador era a palavra. Segundo Dona Maria Gomes¹⁰, "Ele dava muitas palestras, conversava, aconselhava a gente e dizia como ele queria que fosse o trabalho que a Virgem ensinava para ele". As dificuldades materiais eram grandes, porém, o plantio de gêneros de subsistência, como macaxeira, arroz e feijão, supria as necessidades e enriquecia a convivência em grupo: "Ele tornou-se o primeiro líder comunitário

⁸ Um outro detalhe ritualístico interessante que foi alterado pelo Ciclu é a composição dos tecidos das fardas. Antigamente, eram feitas de tergal, tecido mais acessível aos padrões de camponeses pobres seguidores da doutrina. Atualmente, o centro matriz é freqüentado por muitas pessoas que compõem a 'elite' de Rio Branco, por isso o tecido das fardas é crepe de seda, cujo valor é bem superior ao do tergal.

⁹ Encontramos depoimentos que variam à respeito dessa data. Enquanto Jairo Carioca afirma ser em 1931, Sebastião Jaccoud afirma ser em 1920. Porém, adotamos a data mais recente e coincidente com a saída de Irineu Serra da Guarda Territorial.

¹⁰ Entrevista feita pela autora em janeiro de 1997, Rio Branco, Acre.

que teve em Rio Branco. Lá ele era tudo, era médico, advogado, enfim, era a quem recorriamos em todos os instantes de alegria e tristeza", diz dona Percília Matos¹¹. Zeladora dos hinários recebidos pelo grupo, dona Percília tinha os cargos de Comandante Geral da Ala Feminina e Gerente Geral do Hinário. Começou a tomar daime ainda criança, com oito ou nove anos de idade, levada pelo seu pai, que logo faleceu. A partir de então, Irineu Serra deu assistência para a viúva (mãe de Percília) e seus cinco filhos, e todos participavam dos trabalhos espirituais.

Neste período não existia um fardamento padrão, mas predominava o branco nas vestimentas dos seguidores, em formato que lembravam túnicas indígenas, como detalha o sr. Raimundo Gomes:

"As primeiras fardas eram umas túnicas de mescla, uns dólmãs. Tinha um chapéu branco na cabeça. Eram duas fardas: fardamento oficial (túnica de mescla e calça branca) e fardamento azul (calça de mescla e túnica branca)" (CARIOCA, 2000).

As fardas foram institucionalizadas em 1936, após a introdução do baile no ritual de hinário. O trabalho de cura de Irineu Serra ganhava fama em Rio Branco e atraía pessoas de várias regiões, o que, segundo Carioca, demandava um processo de organização.

Paralelo ao crescimento do grupo, crescia o preconceito contra o ritual daimista por pessoas adeptas das religiões instituídas em Rio Branco (católicos e evangélicos) e da sociedade em geral. Houve uma preocupação em legalizar a sessão, instituí-la em harmonia com as religiões tradicionais. Segundo relatos, Mestre Irineu afirmava que o Santo Daime era uma doutrina, e não uma religião. Quando alguém lhe perguntava qual era a sua religião, ele dizia ser católico, e orientava seus seguidores a darem a mesma resposta. Como medida preventiva contra repressões da sociedade, segundo afirma Percília Matos¹², Serra não realizava sacramentos, como casamentos e batizados, e ordenava que as pessoas fossem procurar a igreja católica para tanto.

¹¹ Todas as citações referentes à Percília Matos foram colhidas em entrevistas com a autora no período de janeiro de 1997 a janeiro de 2000.

¹² Idem.

A formação de um comando e a organização de filas de baile ocorreu entre 1931 e 1934, simultâneo ao início do ritual cantado. Os seguidores mais antigos formavam as primeiras fileiras, de acordo com a ordem de chegada na sessão. O comandante masculino era Raimundo Irineu Serra, e o feminino era dona Raimunda, filha de dona Maria Franco e esposa do líder por dezessete anos, a partir de 1937¹³. Foram então recebidos os primeiros hinos: "Em 1934 tinha Lua Branca, Tuperci e Ripi, nesse tempo não tinha farda", relembra dona Percilia Matos. "Na verdade foi Germano Guilherme quem primeiro recebeu e cantou seu hino na doutrina, daí o porque de seu hinário ser executado antes do hinário do Mestre Irineu até hoje¹⁴", diz dona Cecília Gomes (ex-esposa de Germano Guilherme e conhecida no bairro como 'Dona Preta'). Em 1934, portanto, foi apresentado o primeiro hino cantado na doutrina, por Germano Guilherme, dono do hinário "Vós Sois Baliza":

DIVINO PAI ETERNO

"Divino Pai Eterno
O seu mundo veio e formou
E habitou, e habitou
Com toda a criação

Com toda a criação
Com o vosso amor
Deixou e levou
E tão distante ficou

Olhando a sua criação
Com o vosso brilho do amor
Com o vosso brilho
Com o vosso brilho do amor"

¹³ Mais uma data controversa no relato de Jairo Carioca, que afirmava ter sido este casamento em 1933. Porém, conseguimos a certidão de casamento de Raimundo Irineu Serra e dona Raimunda Marques Feitosa com a data de 1937.

¹⁴ Isso acontece nos centros sediados no Alto Santo e em outros seguidores do ritual do Alto Santo, como o Centro Eclético Flor do Lótus Iluminado – Cefli, e no Centro de Iluminação Cristã de Minas Gerais – Ciclumig. Porém, a maioria dos centros dâimicos no Brasil e no mundo são frutos da expansão doutrinária realizada pelo Cefluris (Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra), dirigido pela família de Sebastião Mota de Melo, seguidor do Mestre Irineu que fundou a primeira dissidência após o seu falecimento. Durante essa expansão, vários detalhes rituais foram abandonados ou transformados.

Este canto narra a formação do mundo e, após esse episódio, Irineu Serra apresentou Lua Branca, o primeiro hino que havia recebido vinte e dois anos antes no Peru, segundo informa Carioca (2000). Os signos do cristianismo – como Jesus, Maria, José e outros – mesclaram-se com entidades indígenas: Tarumim, Equiôr, Papai Paxá, Tuperci, Jaci, Ripi laiá, Barum, Marum, Begê, Tucum e outros, muitos dos quais são identificados como elementos simbólicos das ‘matrizes maranhenses do Santo Daime’ (LABATE e PACHECO, 2004), entre os cânticos usualmente cantados nos rituais de Tambor de Mina do município de São Vicente Ferrer, cidade natal de Serra. A invocação ao sol, lua, estrelas, terra, vento e mar presente nos hinos remonta aos cultos ameríndios, nos quais podemos afirmar que genericamente o Sol e Lua são considerados Pai e Mãe do Universo. As orações católicas foram também incorporadas ao trabalho, com algumas modificações. Por exemplo, no Pai-Nosso, ao invés de ‘venha a nós o vosso reino’, reza-se ‘vamos nós ao vosso reino’¹⁵.

De 1936 a 1947 foram recebidos os quatro hinários que formam a sustentação dos princípios fundamentais da doutrina, a saber: ‘Vós sois baliza’, de Germano Guilherme; ‘O Amor Divino’, de Antônio Gomes, ‘Seis de Janeiro’, de João Pereira e ‘O Mensageiro’ de Maria Marques Vieira, conhecida como Maria Damião. Essa informação, de Carioca, é senso comum entre os centros do Santo Daime, tanto os originários do Alto Santo, como os ligados institucionalmente ao Cefluris, que executam esses cânticos em rituais regulares. Em um marco de concreto situado nos jardins da sede da *dignitária* viúva do Mestre, estes hinários são chamados de “Terceiro Testamento”, junto às obras “O Ramalho” (de Raimundo Gomes), “A Condessa” (de Zulmira Gomes) e “A Bandeira” (de Peregrina Gomes Serra). O calendário oficial dos trabalhos, acrescido dos trabalhos de cura e concentração, foi determinado da seguinte forma no intervalo entre 1936 e 1947, por Raimundo Irineu:

¹⁵ O aramaico, língua original de Jesus e da oração Pai Nosso, considera legítimas as duas traduções para este trecho, segundo informação do professor de Letras e Literatura Alexandre Faustino, em entrevista para este artigo. Irineu Serra escreveu uma explicação para as orações, na qual explica: ‘porque o reino é divino e assim como viemos, vamos ao trono de nosso pai’

05 para 06 de janeiro: Festejo dos Santos Reis
18 de março: Festejo de São José
Semana Santa: Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo
23 para 24 de junho: Festejo de São João Batista
01 para 02 de novembro: Festejo de todos os Santos e Trabalho de Finados
07 para 08 de dezembro: festejo de Nossa Senhora da Conceição
24 para 25 de dezembro: Festejo de Natal

Na década de sessenta foram acrescentados o aniversário do Presidente (então, o sr. Leôncio Gomes) e o aniversário do mestre Irineu, em 15 de dezembro, festejo que era realizado por iniciativa da irmandade. Segundo Wilson Carneiro¹⁶, certa vez foi perguntar ao mestre quais eram os trabalhos realmente oficiais. Ele respondeu de acordo com a listagem acima, no que foi retrucado:

- “E o seu aniversário, padrinho?”
- “Ah, meu filho, neste dia eu fico bem pequenininho.”

A posição e colocação dos fardados dentro do ritual também passou por uma evolução. Em 1936, segundo relembra dona Lourdes Carioca¹⁷, foi determinada uma nova ordem como elemento disciplinar, conforme um quartel. As patentes foram divididas hierarquicamente, através de estrelas, de acordo com o módulo de hierarquia. Dentro deste “Estado Maior”, que significava a reunião de pessoas graduadas, isto é, capazes de transmitir conforto a quem precisa nas sessões e hinários, quem tinha seis estrelas era general; cinco estrelas, tenente coronel; três estrelas, tenente; duas, cabo e quem tinha somente uma estrela era considerado soldado raso. Apenas Irineu Serra utilizava a patente de General Juramidã¹⁸. Porém, em 1957, houve uma reorganização do ritual em que foi

¹⁶ Também em entrevista à autora, para publicação em <http://www.mestreirineu.org/wilson.htm>

¹⁷ Em entrevista em janeiro de 2005. A depoente é mãe de Jairo Carioca, e uma das principais fontes da sua pesquisa, pois acompanha a doutrina de Irineu Serra, com sua família, há mais de sessenta anos.

¹⁸ Apesar da maioria dos estudos sobre o Santo Daime utilizar a grafia deste termo com a letra ‘m’ no final – Juramidam (ver Labate e Araújo, 2004; Bolsanello, 1995 e outros), preferimos estar de acordo com a Novíssima Gramática da Língua Portuguesa (Domingos Paschoal Cegalla, Editora Nacional, 41ª Edição, pág. 31), que dita: “No fim das palavras como *falam*, *batem*, *alguém*, am e em não são dígrafos, porque representam um ditongo nasal, portanto, dois fonemas.” Portanto, “Ã” em Juramidã representa um único fonema. Essa grafia é utilizada também no Ciclu – Alto Santo, e guarda concordância com a de entidades afro-ameríndias como Iansã, Nanã, Tupã, ou mesmo com as palavras oxítonas terminadas em *a* nasal, como irmã, talismã, afã, anã etc.

estabelecida igualdade de patentes para todos e também definida a farda usada atualmente.

A filiação de Raimundo Irineu Serra ao Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento foi um fator que estimulou a prática da Oratória dentro dos trabalhos, como instrumento esclarecedor e doutrinário. Os fardados eram assinantes dos boletins informativos e seguiam os princípios morais do Círculo. As orações ‘Consagração do Aposento’ e ‘Chave de Harmonia’ foram incorporadas ao ritual. O nome Centro Livre foi sugerido à matriz em São Paulo, para ser oficializado como denominador do grupo. Porém não foi aceito, tendo sido o nome Centro de Iluminação Cristão Luz Universal sugerido de volta como resposta e adotado. Porém, antes da sua *passagem* para o plano espiritual (falecimento), Raimundo Irineu recebeu a orientação de São Paulo de que não poderia ministrar a bebida junto aos ensinamentos do Círculo. De acordo com relatos colhidos em Rio Branco, especificamente na voz do Sr. Wilson Carneiro (a quem Serra havia entregado a tarefa de dirigir um ‘ponto de cura’¹⁹), o mestre preferiu se desligar, e o Ciclu seguiu como entidade autônoma, regulamentada por decreto de serviço e estatuto próprios.

TRADUÇÃO

Dentro deste período de transformação brevemente descrito acima, podemos perceber que o uso ritual da ayahuasca passou por uma “tradução intersemiótica” (PLAZA, 1984), para adotar um conceito que vem da semiótica do filósofo americano Charles Sanders Peirce. Este termo designa a transcodificação entre dois sistemas de linguagem diferentes, do uso xamânico *esotérico* para um uso cristão ocidental *exotérico*. Consideramos que o termo esotérico - aquilo que é oculto - pode ser melhor empregado para o uso da ayahuasca pelos xamãs, que a utilizam por diversos motivos de cura e auxílio à comunidade. Porém, nessas

¹⁹ Ponto de Cura é a denominação para pequenos grupos que realizam apenas sessões de cura. O ponto de Wilson Carneiro ainda existe e é dirigido por seu filho, Padrinho Raimundo Nonato, na localidade denominada Colônia Cinco Mil, em Rio Branco, Acre.

tradições indígenas, pelo pouco que iremos analisar, já que não é esse o objetivo deste artigo, a iniciação ao uso da bebida para adquirir poder é individual: o xamã passa sozinho por processos gradativos que o preparariam para o ofício. No entanto, o uso do daime, estabelecido por Raimundo Irineu Serra é coletivo²⁰, e foi instituído dentro de uma comunidade agrícola

Utilizamos o termo *exotérico* para designar a doutrina exposta em público – nas praças e mercados - pelos antigos filósofos na Grécia Antiga de Sócrates e Platão (SODRÉ, 1996). A exposição através dos laços comunicativos da dialética filosófica objetiva construir os modos de apreensão da realidade, com os quais as pessoas construirão o senso comum. É uma forma de fornecer à vida social a noção de quais são os objetos retos, justos e belos; como um clarear de idéias, o poder da ‘verdade sobre a embriaguez’. Dessa maneira retórica, extrovertida e comunicativa, Raimundo Irineu Serra transmitiu, através de um conjunto de 132 hinos, a sua ‘doutrina da verdade’, ou seja, a lente pela qual seus seguidores iriam observar o mundo e fazer suas escolhas. Ao contrário de uma iniciação endógena, em que o indivíduo olha para dentro de si para, no intuito de resolver problemas da sua comunidade (apenas o xamã teria o poder de guiar alguém ou a própria comunidade em busca de cura ou orientações), a iniciação proposta no Santo Daime é coletiva, os ensinamentos disponíveis a todos, em atividades gerais. Os hinos tratam os momentos passados pelo coletivo não só em questões de saúde física ou espiritual, mas também inclusive em âmbitos políticos e cívicos²¹. O hino nº 116 denominado “Batalha”, por exemplo, do hinário “Cruzeiro Universal”, foi recebido em 1962, antes do golpe militar. Houve eleição e o partido do Mestre, o Arena (Partido Social Democrata – PSD) perdeu. As pessoas ficaram desoladas, com medo de que as terras doadas para a comunidade pudessem ser tomadas de volta. Pouco tempo depois veio o golpe militar e o partido que havia sido vencedor foi deposto do cargo:

²⁰ La Rocque (2004) denominou esta prática de xamanismo coletivo, ou seja, experiências espirituais em grupo, em concordância com uma ordem instituída e compartilhada dentro de um ritual.

²¹ Apesar de muitos curandeiros fazerem uso individual da ayahuasca (Taussig, 1993) há tribos indígenas que a utilizam coletivamente, como os índios Siona do Putumayo, conforme relata Langdon (2004).

“O Mestre cantou Batalha, confortando. Rapaz, se você visse assim, o contentamento do Mestre tão transparente, quando ele cantava este hino, pelo menos a primeira vez que eu ouvi e vi, ele dançava! Isso é um xote. Ele chamou a comadre Peregrina, que ela dança bem. Aí, mandou a turma cantar e dançar na sala ao som do "Batalha". Dá um xote que é uma beleza!” (NASCIMENTO, Luiz Mendes, 2005).

Os festejos, aliás, eram uma especialidade da comunidade liderada por Irineu Serra. Eram feitos forrós (festas dançantes), com o intuito de confraternização e diversão. No início da instituição da doutrina, segundo relata Luiz Mendes, nessas ocasiões eram servidos, de um lado o Santo Daime e, do outro, a cachaça. “Mas, quem bebia de um lado não podia beber do outro”, conta Francisco Granjeiro²², se referindo à década de quarenta. Antigo feitor de daime e casado com uma das filhas de Antônio Gomes (Adália Gomes, do segundo casamento do patriarca, com a dona Maria Gomes), Granjeiro narra que estes eventos eram de diversão espiritual, mas também muito sérios, “não se podia faltar com o respeito com as senhoras”, pois todos os homens dançavam com todas as mulheres, em brincadeiras como a dança da vassoura ou do chapéu²³. Mais tarde, após 1950, eliminou-se a cachaça e só era servido o daime nessas ocasiões.²⁴

Consideramos que, pela formação cultural, social e econômica das pessoas que o rodeavam durante sua trajetória de institucionalização ritualística, Mestre Irineu escolheu inconscientemente a melhor linguagem para atingir seu público. Desde o nascimento, começamos a acumular o que Peirce (1990) chama de experiências colaterais, que são valores agregados, conhecimentos utilizados para interpretar o mundo, para compreender os fenômenos. Ensinos que são absorvidos, como regras de boa conduta e moral, crenças, mitologia, simbologia de reconhecimento do sagrado etc. O fenômeno do uso ritual da ayahuasca entre

²² Em entrevista a autora em janeiro de 1997.

²³ Brincadeira em que algum homem fica sem par durante uma música, segurando uma vassoura ou um chapéu. Quando a música acaba, ele escolhe uma parceira, dá a vassoura ou o chapéu para aquele com a qual ela dançava, a toma para dançar e o parceiro anterior passa a ficar ele então sem par, e assim sucessivamente.

²⁴ Sobre este tema vale consultar a dissertação de mestrado de Sandra Lucia Goulart, onde o contexto de formação das cerimônias do Santo Daime é descrito e analisado, destacando-se justamente a importância de antigos festejos populares (como comemorações de santos com baile, danças e bebidas alcoólicas) para a definição desse conjunto ritual daimista (Goulart 1996).

curandeiros causava, na época de surgimento da doutrina, medo e preconceito na atual capital acreana, onde os indivíduos provavelmente não possuíam experiência direta com populações indígenas para compreender suas práticas, linguagem e sintaxe. As pessoas que habitavam os arredores rurais da cidade de Rio Branco, e os próprios cidadãos da capital nas décadas contemporâneas ao surgimento da doutrina, possuíam uma formação cristã ocidental, um pensamento racional e ‘esclarecido’, e temiam tudo que não pudessem compreender. Nas suas aspirações de modernização, olhavam com um olhar etnocêntrico para fenômenos culturais de origem indígenas

Segundo relato do senador Mário Maia, o que oficializou a doutrina construída por Raimundo Irineu Serra como “uma nova forma de congregação fraternal do ser humano através de um ritual balizado pela ingestão de bebida extraída de plantas silvícolas”, foi uma perseguição por motivos religiosos, pseudo-éticos ou pseudo-morais. Houve uma denúncia contra “useiros de práticas insensatas e até diabólicas”. As autoridades interviram:

“Foi acionado o Tenente Costa – com fama de crueldade e frieza – da Polícia Militar, para cercar, invadir e destruir ou desativar aquele culto que estaria a incomodar e pôr em risco as convicções sócio-religiosas então dominantes. Mestre Irineu e seus seguidores ofereceram resistência, obrigando as autoridades ao diálogo e à negociação. Do que parecia sair uma guerra resultou o entendimento através do comandante da corporação, Manoel Fontenele de Castro, e do governador, o major do Exército Guiomard dos Santos, interventor de então do Território, que autorizara o cerco” (FERNANDES, 1986).

Devido a todos estes fatores Raimundo Irineu Serra *traduziu*²⁵ o uso da ayahuasca para uma doutrina com uma simbologia de mais fácil compreensão e por isso simples de ser incorporada como instrumento de apreensão do real, o que se soma ao fato de que, quando melhor entendida, é vítima de menos preconceito. Podemos considerar que os detalhes rituais, os ensinamentos dos cânticos, as experiências de ensaio coletivo, a uniformização das fardas e a própria formação organizacional comunitárias agrícola são fatores favoráveis à uma vivência exotérica de apreensão do saber. A vida da comunidade era preenchida com

²⁵ Não só traduziu, mas também criou e modificou.

arraiais, festejos, comícios políticos e hinários rondantes²⁶, que complementavam o calendário de trabalhos oficiais na sede. Apesar de ser considerado exotérico, no sentido de uma propagação pública do saber, não havia proselitismo para conquista de novos adeptos e nunca foi pedido ou cobrado dinheiro na sessão, como é o caso de religiões cristãs (evangélicas e outras), que geralmente almejam sua expansão e estimulam a doação de dízimos pelos adeptos

O TRABALHO OCULTO

Por outro lado, ao observarmos alguns centros daimistas, como aquele dirigido pelo senhor Luis Mendes, notamos uma concepção segundo a qual os efeitos da bebida possibilitariam uma forma de “trabalho oculto”, conforme se sustenta que as mirações são individuais e muitos relatos de seguidores destacam aprendizados para momentos e problemas bem específicos de cada um. Diz-se, assim, que a comunicação com entidades do plano espiritual era realizada de maneira ‘oculta’, ou seja, não havia manifestações espíritas dentro da sessão, característica de rituais afro-brasileiros como a umbanda e nem tampouco manifestação de um animal de poder ou espírito auxiliar de um xamã. Muitos autores²⁷ como Clodomir Monteiro (1983), MacRae (1992), La Rocque Couto (1989), consideram as práticas daimistas como sistemas xamânicos. Elas teriam as seguintes semelhanças com o xamanismo indígena: o uso de plantas de poder, a repetição do tema ‘guerra contra o mal’, a ocorrência de viagens espirituais (em que a pessoa se enxerga ‘fora’ do seu corpo físico) etc.

No entanto, considero essas semelhanças insuficientes, pois, exceto o fato da ingestão de um enteógeno, as outras características apontadas acima, como batalha contra o mal e as viagens astrais são freqüentes em várias religiões²⁸. Outro fato que torna discrepante a visão do padrinho ou presidente de um centro como um xamã, principalmente nos centros do Santo Daime localizados fora do

²⁶ Hinário executado cada dia na casa de um membro do grupo, de modo a passar no lar de todas as famílias.

²⁷ Para uma revisão deste tema, ver Labate e Araújo (2004).

²⁸ Os yogues fazem viagens astrais, cristãos e islâmicos lutam contra o que consideram ser o mal etc.

Acre, é o fato de que essas pessoas são cidadãos ‘normais’, que trabalham em profissões contemporâneas através das quais obtém o seu sustento, da mesma forma que o mestre Irineu fazia. Muitas vezes não têm conhecimento, a não ser superficialmente, sobre elementos das práticas xamânicas, como cura através das plantas ou da conexão com animais de poder.²⁹ Mas, é necessário admitir, que experiências individuais sob o efeito da bebida podem ter semelhanças com as narrações indígenas. Porém, essas experiências são de cunho individual, endógeno e subjetivo, ao contrário, por exemplo, das contribuições cristãs que foram incorporadas e instituídas ritualmente, como a reza do terço, novenas católicas etc.

“Trabalhar no oculto”, segundo definição de Luiz Mendes, quer dizer ser discreto durante os acontecimentos individuais da miração, não manifestar nada que não as próprias ações de canto, baile, ou o silêncio da concentração. Ou seja, não externar momentos internos de expiação ou gozo, não ‘receber caboclos’ dentro da sessão. Mas claro que essas restrições dependem da capacidade de auto-controle do usuário mais experiente, ao contrário das catarses observadas em iniciantes, que passam por verdadeiras ‘mortes’ em vida.

Mas isso não quer dizer, de acordo com o próprio Luis Mendes, que no “oculto” essas experiências de contato com seres sobrenaturais, viagens astrais e outras afins não aconteçam. Mesmo após ordenar o nivelamento igualitário dos ‘soldados’, em 1957, Irineu Serra continuou, esotericamente, a distribuir suas patentes, conforme relata Francisco Granjeiro³⁰, o primeiro seguidor a aprender a fazer o daime e grande colaborador para a institucionalização do ritual do feito:

“Eu ia para a mata procurar jagube e foi o mestre quem me ensinou. Devido a essa minha boa disposição, um dia, de tarde, ele me chamou:

– “Chico, você vai ser um general da Rainha. Por que eu vou te dar esse cargo? Porque você chega aqui e diz: – “Padrinho, encontrei um jagube, encontrei um folhal”. Então, eu vou lhe dar essa patente. Se não

²⁹ Entre alguns desses dirigentes ‘não xamãs’, citamos Eduardo Gabrich, advogado e presidente do Ciclumig, em Minas Gerais; Paulo Monteiro, dentista e presidente do Ciclu-Flor Divina (Divinópolis); Pedro Brandão, engenheiro florestal e dirigente do Ceflujug, em Viçosa; Apolo Gazel, médico-cirurgião e presidente da Santa Casa, em Betim, e outros.

³⁰ Em entrevista publicada em <http://www.mestreirineu.org/chico.htm>

bromar, estou lhe preparando para quando eu sair daqui lhe deixar no meu lugar. Chico, a Rainha me entregou o mundo. Quem quiser comigo, é comigo. Quem não quiser, é comigo. O tanto que eu mando em cima da terra, do mesmo jeito eu mando dentro do oceano.”

Segundo podemos observar nos rituais executados atualmente no Centro Eclético Flor do Lótus Iluminado-Cefli, dirigido por Luiz Mendes do Nascimento, há uma diferença fundamental entre duas situações: quando um dirigente de um centro interrompe um trabalho e anuncia que fará uma ‘dramatização’ (uma apresentação individual retórica ou poética, como é comum no centro dirigido por Luiz Mendes) e quando um dirigente para uma sessão para dizer que o caboclo ‘tal’ ou alguma entidade irá fazer uma manifestação. Embora na prática as duas ações possam parecer a mesma coisa, pois o que é chamado de ‘dramatização’, para quem reconhece, é uma manifestação espiritual não declarada, os centros do Santo Daime que seguem a orientação de trabalho ‘oculto’ de Raimundo Irineu Serra não permitem que tais manifestações sejam explicitadas, ou seja, elas ocorrem de maneira oculta. No hino “As Estrelas” (do hinário Cruzeiro Universal), canta-se: “Os caboclos já chegaram de braços nus e pés no chão. Eles trazem remédios bons para curar os cristãos”, em referência explícita ao auxílio dos ‘caboclos’ como entidades de cura que mantém contato permanente com o trabalho espiritual, mas de maneira invisível, subjetiva. Segundo dona Percília, o mestre cantava ‘chamados’: “Lindos os chamados, mas ele não ensinava para todo mundo. Isso porque todo mundo não sabe usar, e depois que se apossassem do chamado, queriam fazer coisas fora do comum, e por isso ele não ensinava.” A divulgação desses cânticos com poder de invocação poderia criar mistificações em torno do uso da bebida, o que o aproximaria das práticas individualistas dos curandeiros, relação que Irineu Serra evitava. Portanto, a iniciação oculta passou a ser institucionalizada dentro de um ritual que exaltava regras de vida e convivência cristãs e morais, e não dentro de manifestações encantadas e sobrenaturais.

CONCLUSÃO

Os mitos, para as sociedades orais, servem como instrumentos de explicação dos fenômenos. Para ordenar, denominar, narrar a origem dos acontecimentos. Muitas vezes, de relato do mundo, passam a ser uma doutrina, cujo elemento básico é a dominação da natureza. Porém, de acordo com Rouanet (1989) para o iluminismo se legitimar foi necessária a destruição dos mitos e de tudo que não possa ser explicado pela ciência.

A sociedade moderna se baseia em grandes narrativas, lineares, e não em conhecimento orais, circulares. Como conhecimento adquirido gradativamente (os próprios hinos foram recebidos e dispostos em ordem numérica crescente), o Santo Daime se apresenta como uma grande narrativa (subjetivada nas rimas simples dos hinos) que abrange um grande período de vivência coletiva, linearizada a partir da impressão dos hinários. O xamanismo, ao contrário, pressupõe um conhecimento adquirido de maneira oral, circular, transmitida de pai para filho e não de maneira institucionalizada.

Afirmar que o uso ritual da ayahuasca passou por um processo de transformação para instituição de uma nova verdade não quer dizer que essa verdade é única e universal, mas sim que uma tradição milenar do sagrado incorporou a modernidade, ou seja, foi traduzida, atualizada para um sistema de linguagem mais compreensível para a sua época e seus contemporâneos. Os rituais criados para guiar experiências de expansão da consciência sofreram diversas modificações através do tempo. Esse fenômeno pode ser comparado ao que Zigmunt Bauman chama de 'sólidos derretidos' em seu livro *Modernidade Líquida* (2001). Ele afirma que essas transmutações caracterizam a instantaneidade dos fenômenos contemporâneos, que se movem para atender os anseios do homem. Este não hesita em derreter os sólidos obsoletos, firmados em regras e regimes, para afirmar novas tradições, que atendam melhor às necessidades atuais.

“Isso seria feito não para acabar de uma vez por todas com os sólidos e construir um admirável mundo novo livre deles para sempre, mas para limpar a área para novos e aperfeiçoados sólidos, para substituir o conjunto herdado de sólidos deficientes e defeituosos por outro conjunto, aperfeiçoados e preferivelmente perfeitos, e por isso não mais alterável” (BAUMAN, 2001).

A criação da doutrina daimista espelha de forma clara a evolução social e cultural do Brasil, que sofre com o caos das quebras permanentes de simetria e dos conflitos sociais e étnicos. Se o Santo Daime é “a única religião originalmente brasileira”, por permitir “a união de elementos dos brancos, negros e índios” (Frias, 2000), a sua disseminação para vários lugares do mundo, tornando-se uma religião com potencial transnacional, explicita a sua capacidade de continuar integrando com êxito contribuições de diversas culturas. Este processo de “síntese cultural” parece se atualizar em cada seguidor, que solitariamente interioriza as lições dos hinos, interpretando-as de acordo com suas necessidades particulares. Novos adeptos passam a dar suas contribuições individuais, advindas de suas experiências anteriores, operando uma tradução intersemiótica contínua. E assim a doutrina daimista vai se re-atualizando. Mas, se é utópico pensar que haveria um conjunto de ‘sólidos perfeitos’ ou um ritual satisfatório a todos os novos e velhos usuários, também há aqueles de nós que buscam investigar ao máximo, através da palavra dos antigos, quais teriam sido, se assim é possível afirmar, os “ensinamentos originais” de Raimundo Irineu Serra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001.

CARIOCA, Jairo da Silva. *Doutrina do Santo Daime - A Filosofia do Século*. Disponível em <http://www.mestreirineu.org>. Acesso em 3 de abril de 2005.

FERNANDES, Vera Fróes. *Santo Daime Cultura Amazônica – História do Povo "Juramidam"*. Manaus, Editora Suframa, 1986.

FILHO, Otávio Frias. *Queda Livre – Ensaios de Risco*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

GOULART, Sandra Lucia. *Raízes Culturais do Santo Daime*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, USP, 1996.

HORKHEIMER, M., e ADORNO, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997.

JACCOUD, Sebastião. *O Terceiro Testamento - Um Fato para a História*. Goiânia, Página Um Editora Ltda, 1992.

LABATE, Beatriz Caiuby e ARAÚJO, Wladimir Sena (orgs.). *O Uso Ritual da Ayahuasca*. Campinas, Mercado das Letras/Fapesp, 2004, 2ª ed.

LABATE, Beatriz C. e PACHECO, Gustavo. "Matrizes maranhenses do Santo Daime", *in*: Labate, Beatriz C. e Sena Araújo, Wladimir. (orgs.). *O Uso Ritual da Ayahuasca*. Campinas, Mercado de Letras/Fapesp, 2004, 2ª ed., pp. 303-344.

MACRAE, Edward. *Guiado pela Lua*. Xamanismo e uso ritual da ayahuasca no culto do Santo Daime. São Paulo, Brasiliense, 1992

MENDES, LUIZ. *Depoimentos*. Disponível em <http://www.mestreirineu.org>. Acesso em 3 de abril de 2005.

NETO, Florestan J. Maia. *Contos da Lua Branca*. Rio Branco, Ed. Gráfica Printac, 2003.

PEIRCE, C. S., *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce*, a cargo de Charles Hartshorne, Paul Weiss, Arthur W. Burks, Cambridge (Massachusetts), Harvard University Press, 1931-1958.

PEIRCE, Charles Sanders. "*The Collected Papers*" in: *Os Pensadores*. Trad. Luiz Henrique dos Santos. SP, Abril Cultural, 1989.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. Trad. de José Teixeira de Coelho Neto. São Paulo, Perspectiva, 1990.

PLAZA, Júlio. *Tradução Intersemiótica*. São Paulo, Perspectiva, 1987.

ROUANET, S.P. *As Razões do Iluminismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

SILVA, Clodomir Monteiro da. *O Palácio de "Juramidam" – Santo Daime, um Ritual de Transcendência e Despoluição*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 1983.

SILVA, Percília Matos da. *Depoimentos*. Disponível em <http://www.mestreirineu.org>. Acesso em 3 de abril de 2005.

TAUSSIG, Michael. 1993. *Xamanismo, Colonialismo e o Homem Selvagem - Um Estudo sobre o Terror e a Cura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.